

SENTO-SÉ E A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO SOBRADINHO: A HERANÇA DE UMA POPULAÇÃO E O PODER DE UMA FAMÍLIA

Ana Catarina L. de A. Sento-sé M. Braga¹

Resumo: *Este artigo tem como objetivo refletir sobre as questões de memória e de identidade cultural, referentes à população ribeirinha da barragem do Sobradinho, na década de 70. A construção desta barragem culminou com a inundação de quatro cidades do sertão nordestino. Dentre estas, estava Sento-Sé, ou, “terra dos carnaubais”, com aproximadamente 7.000 habitantes. A população da cidade foi expulsa de suas casas e todo o seu patrimônio material e cultural foi perdido, gerando uma perda significativa para a memória daquele município. Através de fotos, documentos e depoimentos orais pôde-se resgatar a história deste povo, produzindo-se uma releitura da mesma.*

Palavras-chave: Sento-Sé; Barragem do Sobradinho; Identidade; Memória e Poder.

INTRODUÇÃO

Este artigo possui como delimitação temática os impactos que a construção da Barragem do Sobradinho na década de 70, ano de 1977, trouxe às referências de memória e identidade dos habitantes de uma das quatro cidades afetadas por este acontecimento: a cidade de Sento-Sé.

A década de 70, no Brasil, é marcada historicamente pelo regime militar iniciado em 1964, e a cidade estudada sofre influência desta forma de governo. Durante a construção da Barragem ficou sob a guarda de um único governo, sendo reconhecida como município de segurança nacional.

Além desta cidade outras três, Remanso, Casa Nova e Pilão Arcado (dentre outros povoados) também foram inundadas. A CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), ao anunciar o projeto, dirigiu-se à cidade de Sento-Sé onde, em uma audiência com o prefeito da época, senhor Demóstenes Sento-Sé, descreveu seu empreendimento e anunciou as indenizações às famílias, na palavra de que seria construída uma nova cidade para abrigá-las.

Este prefeito era oriundo de uma família que participou de outro evento histórico da década de 60 e 70: o coronelismo. Este regime era originalmente das cidades sertanejas nordestinas e constituía-se em uma forma de governar autoritariamente, que muitas vezes utilizava-se da coação moral e econômica àqueles que eram subordinados aos chamados “coronéis”. Estes, muitas vezes, além de dirigir suas propriedades, ainda geriam a região onde habitavam sob a coação do denominado voto de cabresto. O prefeito empossado, que gestava a cidade em 1977, vinha de uma família originalmente de coronéis, mas, como em setenta e sete o coronelismo já não era mais utilizado como modo de governar, ele geriu Sento-Sé sob o regime “democrático”, segundo relatos orais e documentais pesquisados.

Ao longo da pesquisa, entretanto, percebe-se que, por estar atrelado à delegação superior de um regime nacional e ditatorial, o governo de Demóstenes não atendia aos princípios da democracia, como se conhece teoricamente. Além, é claro, da herança coronelista que Demóstenes carregava em suas referências e identidade.

Assim, além do recorte central (os impactos da construção da Barragem do Sobradinho),

¹ Autora, graduanda do Curso de História da Universidade Católica do Salvador - UCSal. E-mail: snowoman_7@hotmail.com. Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Vilma do Nascimento. E-mail: vilmanas@bol.com.br.

este artigo ainda pleiteia discutir, diante de suas motivações sociais e históricas, o regime político que imperava na cidade. E, através deste, como as relações de poder, representado pela família Sento-Sé, influenciam e causam impactos na memória e na identidade dos sujeitos históricos. Sujeitos estes que provêm da população, que vivia sob “a mão” do poder, mas que também se confundia entre os próprios representantes da família. Isto, porque não há uma segregação tão explícita entre detentores de poder e subordinados. Ambos podem ocupar os dois papéis e o poder, neste local, possuía uma apropriação íntima junto ao cotidiano dos habitantes (sejam eles da família ou não.).

Assim, os temas secundários tratam de poder e memória e poder e identidade. Além destes, permeiam as relações ambientais e de modificação do meio. Tais relações estão diretamente atreladas à forma como as transformações do meio natural, ou não, podem estar relacionadas com os interesses do poder, bem como pelos laços dos sujeitos com o espaço que é o objeto de toda História das Cidades.

A pesquisa vai tomando outros rumos quando se estuda a construção da nova sede, denominada Nova Sento-Sé, e o objeto de estudo principal é buscado mais uma vez: as pessoas que viveram na época da inundação e seus depoimentos orais. Assim, a História Oral é utilizada como técnica histórica que fundamenta toda a pesquisa: desde o traço da velha Sento-Sé até a nova sede, e sua ainda recentíssima história. Os depoimentos trazem à tona os “fantasmas da cidade”, fazendo-se parte do patrimônio da mesma, a memória e o que estava esquecido, sobre as sombras das ruas, esquinas, paralelepípedos e vielas.

A metodologia também se fundamenta no uso da História Oral para encontrar as fontes e desvelar a história deste município. E o passado ganha ares de “imaginário“, perdendo o conservadorismo, tão pouco necessário, das oficialidades. A história assume, também, o papel de contadora de ideais, idéias e realidades que estão sentadas nas cadeiras de balanço, construindo arte de nutrir, entoando as rezas, e as poesias escondidas nas poeiras dos lares.

A metodologia consiste na sistematização de dados documentais e elaboração de fichamentos sobre os mesmo, bem como, na transcrição dos depoimentos orais relativamente coletados, e das fontes iconográficas analisadas e catalogadas. Além dessa organização metodológica, procura-se utilizar abordagens que garantam a maior compreensão dos atalhos da memória, das palavras não ditas, dos fluxos de esquecimento e das diversas identidades que se entrelaçam entre todas as fontes primárias.

As análises embasadas nestas fontes e metodologia são frutos de discussões entre a autora e seu orientador, fundamentada em seus arcabouços teóricos. Outras fontes secundárias são utilizadas para compreender os mecanismos do trabalho e para que se possa chegar ao objetivo esperado: o resgate da memória de um povo em uma cidade conhecida como “Cidade fim de linha”, dentro de uma história que se repete sempre. Isto quer seja com a transposição do Rio São Francisco, que já vem afetando milhares de populações ribeirinhas, ou com a inundação de qualquer outra cidade banhada por importantes fontes de abastecimento de água.

Desta forma, o artigo aqui apresentado é o ponto de partida de um longo estudo que culminará no trabalho monográfico, de conclusão de curso, da autora em destaque. Dentre todos esses objetivos e anseios já apresentados, o artigo ainda compromete-se com a interação entre antropologia e história, e os diversos domínios e dimensões historiográficas: História Cultural e História das Mentalidades.

1977, O ANO EM QUE TUDO COMEÇOU

“Naquela época eu possuía entre 7 e 8 anos... Meu avô era prefeito da cidade de

Sento-Sé e neste período existiam 8 cidades no país chamadas municípios de Segurança Nacional, que era o prefeito indicado pelo governador. Sento-Sé era um desses municípios de Segurança Nacional.”²

A história deste acontecimento, bem como de toda a Sento-Sé, desde a década de 40, entrelaça-se com a de uma família, que se originou neste local. A família Sento-Sé já possuía o nome forte, e de governança, há mais de três gerações. A senhora Vera Rita Sento-Sé representa, dentre essas, a sexta geração de uma família histórica, que até os dias atuais é lembrada em festas e homenagens.

Neste dia em que entrevistei a Senhora Vera Rita estávamos em sua casa no bairro da Pituba, na cidade do Salvador, estado da Bahia. A entrevistada mostrava-se bastante confortável e saudosa ao relembrar aqueles momentos do seu passado. Por diversas vezes, revelou a tristeza da população ao ver suas casas inundadas, pela ocasião da construção de uma barragem, no mesmo ano em que seu avô foi empossado prefeito.

A relação desse sujeito histórico com o lugar em que ia em sua infância demonstra a relação estreita e devastadora que a inundação causou em suas recorrências de memória. Sentia-se uma tensão no momento em que disse:

“(…) E, em um determinado ano, nós fomos, a cidade estava muito triste quase ninguém estava mais lá... Porque tava todo mundo já se mudando para a cidade nova, Sento-Sé nova. E depois da inundação, eu me lembro, nós fomos dar um passeio de barco pela cidade inundada pelo São Francisco, pela barragem do Sobradinho”³

Esta fala é uma evidência histórica de como a construção da barragem afetou a mentalidade, não só da entrevistada, mas, de todos aqueles que viveram o momento histórico relatado. Assim, os mecanismos da memória revelam a necessidade de preservação do local de origem do sujeito histórico.

RELAÇÃO SUJEITO HISTÓRICO E MEMÓRIA

A casa, o lar, de cada um é um lugar por excelência da memória. E de uma memória essencialmente emocional. E viver essa memória em família significa retratar o lugar em que essa família viveu. Assim, apesar da família Sento-Sé representar o poder político na cidade, seus membros não deixaram de viver a dor daqueles que perderam suas casas, inclusive a sua própria saudade daquele lugarejo. Muitos membros que moravam em Sento-Sé deixaram seu patrimônio para trás e escreveram palavras de saudade nas paredes de suas casas:

“(…) E chamou minha atenção as casas com água pela metade ou acima da metade, e nelas, quase em todas, as que ainda estavam de pé, possuíam lembretes e frases saudosas: “ Sento-Sé amada fui muito feliz aqui” ou “Adeus minha cidade querida”⁴

“(…) A minha irmã Maria América Sento-Sé deixou nas paredes de sua casa frases e poemas que queriam dizer a sua saudade que ela ia sentir do seu antigo lar.”⁵

Nestes dois depoimentos percebe-se a relação pessoal da família com a história que norteia a

² Depoimento concedido pela Senhora Vera-Rita Lins de A. Sento-Sé em 12 de Junho de 2008, às 14h e 36 min.

³ Idem

⁴ Idem

⁵ Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

inundação de Sento-Sé. Sendo assim, após a inundação, muitos mitos e histórias foram passados dentro da família sobre este episódio. Em todos eles, entretanto, o senhor Demóstenes, prefeito da cidade no ano da inundação e membro da família Sento-Sé, era visto como um visionário, um líder que guiou a sua população para uma vida melhor.

Esta família acredita que, mesmo sacrificando suas casas, o que subentende-se sua memória, e lares, isto deveria ser feito em detrimento do que o seu líder político considerava como certo para a melhoria de “todos”. Não há nesses dois depoimentos um sentimento de posse ou do poder de um clã sobre a cidade e sim, um mito familiar tornado verdade dentro da memória. Isto pode ser constatado por Alistair Thompson quando este diz que:

“(…) Os mitos de minha família sobre a guerra também mostram como apenas algumas experiências são enfocadas na lembrança, enquanto outras são reprimidas ou silenciadas, e como algumas recordações “pessoais” alcançam significado “coletivo”, tanto dentro da família como fora dela.(…)”⁶

Se por um lado pode haver interesses para que a barragem fosse construída, trazendo mais poder, através do que seus representantes chamam de “progresso”, por outro lado, nesta cidade sente-se uma participação do poder como parte do privado e do intrincado pessoal de cada cidadão. É importante salientar aí como os alcances da memória possuem papel fundamental no que está silenciado e no que pode tornar-se verdade neste contexto. Isto dentro da mentalidade daqueles que constrói essa memória.

AS REPRESENTAÇÕES DO PODER

As representações do poder, assim, soam como parte da memória e da cultura da população. Mesmo sendo uma forma de dominação, esta forma de participar dos momentos íntimos da cidade, que o prefeito possuía, revela um clientelismo na vida dos cidadãos. Muitos fatos pessoais eram resolvidos por este prefeito, que adentrava nas casas chamando pelos seus ocupantes. E resolvia problemas pessoais:

“(…) Era um político a moda antiga. Não era a relação de eleitor e de prefeito, como hoje, baseado no capitalismo. Era uma confiança, uma amizade. Tipo assim, casal brigava, meu avô é que ia fazer, reconciliar o casal. Menino caía quebrava a perna, meu avô, o prefeito, que ia mandar comprar o remédio. Acabava a verba da prefeitura meu avô colocava do dinheiro dele.(…)”⁷

Pode-se perceber, dessa forma, a relação estreita entre o poder e a população. Uma intimidade que adentrava a própria casa do prefeito e suas relações familiares. Este tipo de “líder” era visto como monumento histórico da memória coletiva. Um mito que perdura mesmo após a sua morte ou perda do cargo público.

Demóstenes Sento-Sé foi prefeito da cidade, incluindo antes, durante e depois da construção da barragem. Antes dele, a família Sento-Sé já governava, foram três coronéis: Juca Sento-Sé, Tonhá Sento-Sé e Janjão Sento-Sé, chegando, finalmente, a Demóstenes, não mais como coronel, oficialmente, e sim, como prefeito nomeado.

A família Sento-Sé apresenta um poderio. O próprio sobrenome possui origem na história da formação da mesma⁸. Este nome surgiu de uma homenagem feita a uma comunidade indígena

⁶ THOMPSON, Alistair. Quando a memória é um campo de batalha: Envolvimentos pessoais e políticos com o passado do exército nacional. Projeto de História, São Paulo, 1998.

⁷ Depoimento concedido pela Senhora Vera-Rita Lins de A. Sento-Sé em 12 de Junho de 2008, às 14h e 36 min.

⁸ A cidade de Sento-Sé velha localizava-se, inicialmente, onde era uma comunidade indígena cujo nome do líder era Centosse. A família Garcia D’ Avilla, no período de colonização do Brasil, recebeu aquelas terras de Portugal por

que ocupava a região.

Após a posse da família Garcia D' Ávila, estes fundaram a cidade e homenagearam o chefe daquela comunidade, cujo nome era Centossé. Assim, surgia uma cidade com mais de quatrocentos anos de história. Posteriormente a família, que descendeu desses índios e dos portugueses, recebeu o sobrenome de Sento-Sé. E seu legado é honrado pelos moradores até a atualidade.

O olhar das autoridades diante do patrimônio, como se pode perceber, não fica restrito às relações de poder e soberania. Mesmo que haja uma tradição histórica de que os políticos em geral não se importavam com o valor da memória, ou daquilo que foi construído pelas pessoas, não é o que se pode perceber neste município.

Aqueles que alguns considerariam como os “donos da terra”, “responsáveis” pela inundação de toda uma região, são vistos pela memória coletiva, e por eles mesmos, como parte do que sofreram em busca de algo maior, ou melhor. Isto, porque a população acredita, pelo menos boa parte dela, que alguém que se envolve tão intimamente com suas vidas não poderia exercer qualquer abuso de poder ou ato que venha trazer prejuízo para a cidade.

Inundação da memória e da identidade de uma população.

A construção de tal barragem, projetada pela CHESF em 1973⁹, concessionária da Empresa Brasileira de Energia (ELETROBRÁS) no Nordeste, resultaria na Hidrelétrica do Sobradinho, que inundou além de Sento-Sé, mais três cidades do sertão nordestino. Por nove anos o município passou a ser área de Segurança Nacional, tendo como prefeito empossado, no governo Roberto Santos, Demóstenes Sento-Sé. A posse ocorreu em 13 de Maio de 1977, ato que ficou registrado como data do aniversário da cidade.

Antes da inundação destas cidades, as mesmas eram cortadas pelo Lago do Sobradinho, afluente do rio São Francisco. Desde a década de 70, entretanto, a CHESF vinha desenvolvendo uma política agressiva para transformar o “Velho Chico” em gerador de energia hidroelétrica. Para tal, construía barragens, transformando lagos em rios artificiais, deslocando e modificando a paisagem do sertão e ainda causando grande desequilíbrio ecológico e erosões no solo.

A construção da Barragem do Sobradinho resultou na desocupação de uma área com cerca de 4,2 mil km . Este processo de desocupação atingiu um total de cerca de 12.000 famílias, das quais, 73% fixadas na zona rural e 27% na zona urbana das cidades¹⁰. E a CHESF, embora tenha construído uma nova cidade para os habitantes, não pode recuperar as características da cidade antiga, bem como o real sentimento do povo, enterrado nas águas do rio.

Foram deixados para trás, sonhos, esperanças, vidas e desejos, elementos que fizeram e faz parte da memória de uma população, que vivia de sua economia local, sofrida e apegada a terra. Tanto que, muitos resistiram à efetivação do projeto. Um deles foi um homem, na época com 92 anos, o senhor José Nunes ou como era chamado, “Seu Zé”. Ele disse a habitantes da cidade¹¹ que não iria deixar sua casa para trás, uma casa que levou anos para ser construída e que fez parte de tudo aquilo que ele considerava como seu patrimônio e identidade de vida.

Assim como seu Zé, muitos outros traziam consigo o peso da tradição de viver naquele local. As autoridades, estaduais e da empresa hidroelétrica, entretanto, não se sensibilizaram com

doação de sesmarias. Em uma batalha indígena Antonio Garcia D' Ávila socorreu o chefe da comunidade e ficaram amigos a partir de então.

⁹ In: BARROS, Henrique. *Avaliação dos impactos sócio-econômicos da implantação do projeto Sobradinho*. Recife: FUNDAJ/ IPS/Departamento de Economia, 1983.

¹⁰ Idem.

¹¹ Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

esses e acabaram por destruir, não só patrimônios pessoais, e sim 400 anos de história. Sendo que, nem o monumento de fundação da cidade foi poupado.

“O Rio engoliu tudo, vi minha vida sendo deixada para trás, e meus bens sendo levados de caminhão para um lugar que mesmo que passem anos nunca será o meu verdadeiro lar. Depois disso, minha filha, só Deus pode nos salvar”.¹²

Assim resumiu a antiga habitante Hildene Sento-Sé, representando o real sentimento daquilo que a natureza transformou em seu habitat natural.

Atualmente, a cidade de Sento-Sé possui mais de 35.000 habitantes; foi relocada em 1977, mas nunca esqueceu as marcas que a inundação deixou. Além do que, fica provado hoje, o quão estreita são as relações de poder e memória que norteiam e são capazes de reconstruir e desconstruir as concepções dos sujeitos da história.

O ESQUECIMENTO E A MEMÓRIA: FIOS CONDUTORES DA HISTÓRIA DESSE LUGAR

A partir dos documentos pesquisados, dos depoimentos dos habitantes e antigos moradores da cidade de Sento-Sé, pôde-se perceber que a abordagem de um conceito de memória pré-moldado de nada serve.

A população local, através daquilo que considera como sua memória e identidade, é que constrói o significado desta memória. Uma memória povoada não só por emoções e lembranças, mas também por momentos de esquecimento.

Ferreira (1991), historiadora dos conceitos de memória e tradições populares, considera que não só a memória, mas também o esquecimento estão presentes na história das pessoas. Nesta cidade, principalmente nos depoimentos coletados, os vestígios do esquecimento se fazem recorrentes.

Eles estão no momento de pausa da senhora Vera Rita, nas palavras que a Senhora Vera Sônia não permitiu que fossem gravadas, e nos momentos em que Hildene muda de assunto, ou retruca que a pergunta feita não “representa algo de importante a ser lembrado”.

A tradição é feita de esquecimento e memória, e, se a história possui bases nestes dois elementos, a tradição também é parte importante para a construção, e reorganização dos caminhos da história. E para se compreender o fio condutor de toda narrativa oral é necessário a interpretação do esquecimento, elemento essencial do que foi lembrado e transformado pelo depoente em história.

Nesta cidade ainda há muitos esquecimentos, e muitas memórias a serem resgatadas. A cidade de Sento-Sé é contada pela sua sociedade, que sofre pressões, influências sociais e culturais capazes de pincelar sua memória e representação histórica.

Como Ferreira (1991) afirma:

“(…) A dupla esquecimento e memória, portanto, é apenas uma aparente oposição. Numa grande medida, estas oposições são instrumentos conjuntos e indispensáveis em projetos narrativos que dão conta de eixos do conflito. Há também o caso de, no corpo da própria narratividade, formarem-se núcleos em que lembrar é um fluxo, um processo, uma razão de ser e o ato de esquecer se faz o pivô daquilo que se desenvolverá, detonando uma série de

¹² Idem

transformações ou a transformação.(...)”¹³

Assim, o passado faz parte do presente de cada um, enquanto produtor de sua própria história. E a memória do município de Sento-Sé é produzida, concebida e preservada pelos seus próprios habitantes e seus imaginários ideológicos. Bem como os elementos que estes reproduzem em seus depoimentos e lembranças do passado. Vivo em suas vidas no momento presente.

A construção da Barragem do Sobradinho aguçou nos moradores a necessidade de preservação de toda uma memória perdida na inundação. Este discurso se faz presente no depoimento da habitante Hildene Sento-Sé quando disse:

“A gente se apega àquilo que é nosso, porque de alguma forma faz parte da construção de uma vida, que queira ou não, naquele momento, estava sendo deixada para trás. Mas que para sempre vive na minha memória...”¹⁴

CONCLUSÃO

O artigo é de extrema importância para compreensão do que é a história de Sento-Sé. Os objetivos aqui propostos por mim estão em andamento, bem como os seus desdobramentos ainda estão sendo desenvolvidos. Como se propôs, as necessidades de se desenvolver e conhecer Sento-Sé, através da oralidade, é essencial e entrelaça-se com os fluxos e meandros de conhecimento da memória. E dos ramos da história que a estudam.

Os objetivos mais gerais até então alcançado foram o resgate da história destes habitantes, de sua memória, dos mecanismos para a inserção da barragem, do poder da família Sento-Sé e de sua influência. Influência, como se pode perceber, decisiva na historicidade deste local e na maneira de pensar dos sentossenses. Inclusive, entrelaçando-se com a memória coletiva, tendo como base suas próprias vidas e experiências armazenadas em relatos orais.

Sobre a história oficial deste município já se sabe muito, mas, sobre a história das vidas dos seus habitantes ainda há muito a descobrir. E, se a cidade não passa de muros e concreto sem a vida das pessoas que a habitam como a história desta passaria, ou aconteceria, sem ela? Algo improvável.

Há, por minha parte, uma necessidade de perceber como a memória individual é parte da coletiva, e como estas duas são as bases da identidade e da formação, em todos os âmbitos, cultural, social, econômica, etc., para este ambiente urbano. E é esta hipótese que justifica toda a pesquisa. Bem como algumas outras apresentadas ao longo da introdução e do desenvolvimento.

Dentre estas, está o papel da oralidade como registro do espaço da comunidade. Isto porque não há comunidade que se desenvolva e interaja sem a utilização da comunicação oral. Trabalhar com História Oral é, portanto, uma forma de velar o passado desvelando seus silêncios e esquecimentos. Baseando-se, todavia, em um intercâmbio entre os sujeitos históricos.

Base que envolve toda uma linguagem corpórea, marcada pelas vozes, pelos hábitos, pela rotina, pelos amores e ambições sociais. O trabalho com a oralidade permite a interpretação que vai além do enunciado escrito. Permite o contato vivo com o sentimento explícito, e com a história em movimento. Em cada lágrima, sorriso e palavra das fontes vivas. Fontes estas que são o objeto de estudo principal da História: o sujeito.

¹³ In: FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória (conto e poesia popular)*. Salvador-BA. Casa de Jorge Amado, 1991.

¹⁴ Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

A oralidade, assim, está espalhada pelo ambiente. Ela é quem organiza as relações de trabalho, o lar, a rua, a família e toda a produção histórica oriunda dos encontros entre os sujeitos e seus variados interesses (comuns ou não). O depoimento em sua originalidade revela o modo de ver especial de seu interlocutor daquele fato histórico. E assim fundamenta as justificativas de se interagir a história com o meio ambiente, com o poder, com o imaginário e com a cultura de cada sociedade.

Futuramente ainda há muito a se pesquisar. Recentemente novas fontes foram adicionadas a minha pesquisa, fruto de diálogos com a CHESF e de incursões a arquivos da cidade do Salvador (Bahia). Descobri um acervo na cidade no ano passado (2008), que estou sistematizando devidamente e estas novas fontes, dos arquivos de Salvador, também estão passando pelo mesmo processo. Ainda há alguns depoimentos a serem inclusos, bem como seus devidos conteúdos. O que explica algumas perguntas que possivelmente foram levantadas neste artigo e que não obtiveram respostas no mesmo.

Um problema enfrentado por mim e que não há como resolver a curto prazo é a ainda recente fonte que me utilizo para a minha pesquisa. Trabalhar com fontes do século XX requer uma cautela para não cair em erros de narrativa e jornalismo, transformando a pesquisa em um mero relato sem embasamento teórico e histórico (principalmente). Estou tomando esta precaução. E para tal me remeto a outros trabalhos já realizados sobre o tema em outros períodos históricos menos recentes (como se pode averiguar na bibliografia).

A História das Cidades é trabalhada com a utilização da História Oral para revelar o que Ana Lúcia Duarte Lanna, em *Uma cidade na Transição Santos: 1870-1913*, cita da seguinte forma:

“Como disse Giulio Argan, a cidade não é apenas um traçado regular de um espaço, uma distribuição ordenada de funções públicas e privadas, um conjunto de edifícios representativos e utilitários. Tanto quanto o espaço arquitetônico, com o qual de resto se identifica, o espaço urbano tem seus interiores. São espaços urbanos o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da Igreja. Também são espaço urbano os ambientes das casas particulares; e o retábulo sobre o altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantas, até o tipo de roupas e adornos que as pessoas usam.”¹⁵

Sendo assim, estudar e pesquisar cidade é pesquisar e estudar a vida em movimento puro. Observar os atalhos da memória, olhar a contrapelo o que é dito oficialmente, interpretar os depoimentos e muitas vezes se utilizar de poesia e literatura para compreender apaixonadamente as relações entre os sujeitos e o meio em que vivem. Estes tipos de pesquisas permitem que uma série de preconceitos e tabus, principalmente em relação a fontes e ao fazer historiográfico, venham sendo quebrados por mim.

Ao longo desta pesquisa descobri os laços estreitos entre o não oficial e a história, e principalmente vi o quanto a história é uma invenção. E dizer que fazer história, ou que a história é uma invenção, é inventar, não estou dizendo que a História é uma grande mentira. Não, ela não é, mas também não é uma verdade absoluta. Estão sempre se acrescentando novos pontos de vista, novos dados, novos números, novas estatísticas, novos imaginários, novas dimensões e interpretações à pesquisa que algum historiador começou e a vivência de quem permeia estas

¹⁵ ARGAN, Giulio. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma Cidade em transição Santos: 1870-1913*. Santos, SP. HUCITEC, 1996.

pesquisas. Estes sujeitos são o foco, e se o próprio foco está sempre em transformação e em reinvenção, suas produções não poderiam estar recheadas de verdades inacabadas e reorganizadas.

Assim,

“O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor, são “caracteres” no teatro urbano. Personagens secretos(...) Por subtrair-se à lei do presente, esses objetos inanimados adquirem autonomia. São atores, heróis de legenda. Organizam em torno de si o romance da cidade. (...)”¹⁶

REFERÊNCIAS

BARROS, Henrique. *Avaliação dos impactos sócio-econômicos da implantação do projeto Sobradinho*. Recife: FUNDAJ/ IPS/Departamento de Economia, 1983.

BARROS, José D' Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis- RJ. Vozes, 5 Ed. Vozes, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. 5 Ed., 3. Reimpressão. Brasiliense, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. 5 Ed., 3. Reimpressão. Brasiliense, 2000.

BOMFIM, Juarez D. *Movimentos sociais de trabalhadores do Rio São Francisco*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona, Nº. 45 (30). Barcelona: Espanha, Agosto-1999.

CERTAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis-RJ. (volumes 1 e 2). Martins Fontes, 1991.

FERNANDES, Ana. (org). *Cidade e História*.

FERRARA Lucrecia D' Alessio. *As Máscaras da Cidade*. São Paulo-USP.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória (conto e poesia popular)*. Salvador-BA. Casa de Jorge Amado, 1991.

LANNA, Ana Lucia. *Uma Cidade em transição: Santos: 1870-1913*. Santos-SP. HUCITEC, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo- SP. Loyola, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto de História, São Paulo, Fevereiro de 1997.

¹⁶ CERTAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis-RJ.(vol.2). Martins Fontes, 1991.

SENA, Consuelo Pondé de. *Cortes no Tempo*. Salvador- BA. Memorial das Letras,1997.

SILVA, Bárbara-Cristine Nentwing. *Cidade e região no Estado da Bahia*. Salvador, BA, EDUFBA, 1991.

SIQUEIRA, Ruben. *O que as águas não cobriram*. João Pessoa: Mestrado em Ciências Sociais/UEPB, Dissertação de Mestrado, 1992.

SOJA,Edward. *Geografias Pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Zahar. Rio de Janeiro.

THOMPSON, Alistair. *Quando a memória é um campo de batalha:Envolvimentos pessoais e políticos com o passado do exército nacional*. Projeto de História, São Paulo, 1998.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro- RJ. 3 ed. Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e cidade*. São Paulo,SP.Companhia das Letras,1989.

WORCMAN, Karen. PEREIRA, V. Jesus. (coord.) *História Falada: Memória, Rede e Mudança Social*. São Paulo -SP. SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,2006.

Arquivo pessoal Família Sento-Sé. Sento –Sé- BA. 1974 – 1979.

Diário e Anotações pessoais do Sr5. Demóstenes Sento-Sé. Salvador-BA. 1974- 1979.

Arquivo Municipal da Prefeitura de Sento-sé. Sento-sé, BA. 2007.

Fontes iconográficas: Os Narradores de Javé; Fotos do Arquivo Pessoal da Senhora Vera Sônia Lins D' Albuquerque Sento-Sé. Salvador - BA. 1974 – 1979.

Fontes Oraís (Depoimentos): Senhora Vera Sônia Sento-Sé no dia 22 de novembro de 2007 às 15h; Senhora Hildene Sento-Sé no dia 25 de novembro de 2007 às 17h; e Vera-Rita Lins de Albuquerque Sento-Sé, no dia 12 de junho de 2008 às 14horas e 36 minutos.

www.pmsentose.com.br: Consultado às 10h do dia 10 de Outubro de 2007.

www.sentoseonline.com.br: consultado às 9h do dia 9 de Setembro de 2007.